

2012

Instituto de Contabilidade e
Administração
Estudos Interculturais



Helena Guimarães

Nº 2100523 - R31N

30-12-2012





**PORTUGAL E EUROPA /HOLANDA– DIFERENÇAS CULTURAIS NOS
ANOS 70 E 80**

Trabalho realizado no âmbito da disciplina Estudos Interculturais
Lecionada pela Dr.^a Clara Sarmento



ÍNDICE DE CONTEÚDOS

INTRODUÇÃO	5
EUROPA DOS ANOS 70 – Perspetiva Diacrónica	6
ANOS 70 EM PORTUGAL	7
ALGUMAS REFORMAS – Luta Pelos Direitos	9
“My Teenage Years”	10
EMIGRANTES E IMIGRANTES	12
ANOS 80 – A Minha Vida na Holanda.....	14
GAYS – Liberdade de Escolha Sexual.....	15
“WILD SIDE” – The Red Light District.....	16
ACULTURAÇÃO – Absorção Cultural.....	17
O ENSINO NA HOLANDA – Novas Realidades	19
AMSTERDÃO/PORTO – Viagens de Automóvel.....	20
BIBLIOGRAFIA	21
ANEXOS	22



INTRODUÇÃO

Conforme cita Raymond Williams, “cultura é uma das duas ou três palavras mais difíceis da língua inglesa”. No âmbito intercultural, “cultura” assume diversas aceções: Cultura enquanto objeto de estudo da Antropologia, Cultura Erudita (artística), Cultura como modo de vida, seja ele de um povo, de um período específico, de um grupo ao qual se refere, ou da humanidade em geral.

O trabalho que me proponho abordar, citado na 1ª pessoa, centra-se nas diferenças culturais da Europa, (mais precisamente entre Portugal e a Holanda) dos anos 70 e 80. A minha experiência como jovem portuguesa, nascida e criada no Porto, onde estudei, e vivi até à idade de 20 anos, altura em que fui viver para a Holanda. A descrição do meu processo de aculturação e posterior assimilação na sociedade holandesa, onde, conforme veremos, vim a casar em segundas núpcias, com um cidadão holandês.

Neste contexto, poderemos observar as diferenças de códigos de conduta partilhados e diferenças de gralhas culturais desta época, comparadas e contextualizadas com os acontecimentos sociais e a construção de identidades, nos diferentes países de uma Europa desunida em projeto de uma futura união.



EUROPA DOS ANOS 70 – Perspetiva Diacrónica

Em primeiro lugar, e para entender esta década teremos que a situar no tempo, contextualizando os fatores determinantes para o desenrolar dos factos. Após os atribulados anos 60, altura em que o termo “cultura” foi contestado pelos eruditos, cite-se Richard Hoggart, (1957) em “*The Uses of Literacy*”. Ele funda o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, e defende que a classe trabalhadora britânica desenvolveu formas culturais próprias, como meio de interagir em sociedade. Mais tarde, um seu colega, Raymond Williams, afirma que “*culture is ordinary*”, uma das aceções de que a cultura é comum, quotidiana, numa partilha tácita de valores que codificavam o que se pode chamar de “senso comum”, citando Luis Althusser.

Na sua “*The Long Revolution*”, Raymond Williams explicava que os significados dados aos objetos, aos acontecimentos, vêm-nos da forma como estes são utilizados por um dado grupo ou sociedade. Por isso, há que comparar situações, consideradas “idênticas”, embora os conteúdos sejam diferentes, de modo a encontrar semelhanças de identidade cultural, não se tratando aqui de cotar como “superior” ou “inferior” em relação um ao outro. Deste modo, deu-se início ao estudo da interculturalidade, dos agentes de uma cultura que lhe dão forma e significado.

As diferenças políticas presentes na década, materializavam impossibilidades de rápidas mudanças. Alguns países europeus se haviam juntado na aliança do Mercado Comum, formada no pós-guerra nos anos 50 para encontrar soluções socioeconómicas para uma Europa falida e arrasada onde havia uma partilha de interesses económicos, bem como a fácil circulação de bens entre os países constituintes. Anos 60 adiante, a guerra fria estava patente, os países da cortina de ferro, a guerra do Vietname, que levou imensos jovens a contestar e a procurar a sua identidade pessoal como indivíduos, na conquista de direitos que cada vez mais se foi generalizando.

Era uma época de mudança de valores, de contestação, de busca de identidade individual, em que a zona de contacto intracultural e intercultural se tornou conflituosa, face a identidades sociais, ao conflito entre gerações, à *Generation Gap*, e à regulação e partilha tácitas, do mundo de então. A *Hippie Revolution* e o *Flower Power*, *Woodstock Festival*, os *The Beatles*, os *The Who*, *Bob Dylan*, o livro “*On The*



Road” de Jack Kerouac, o filme “*Easy Rider*”, entre outras influências juvenis, encerravam os anos 60.

ANOS 70 EM PORTUGAL

Enquanto a Europa do norte ia enriquecendo, descobrindo novos valores, adotando novos códigos comportamentais provenientes do seu crescente progresso, países como Portugal ainda estavam a viver o pesadelo do fascismo. A censura não deixava entrar nenhuma informação sobre reivindicação, o culto do lema salazarista de “Deus, Pátria e Família” era tudo o que tínhamos para viver; e tínhamos a PIDE. Essa, seguia cuidadosamente cada movimento da sociedade portuguesa, e o sentimento de medo e insegurança era geral. Na minha escola primária havia ainda, em cada classe, as fotografias do Salazar (mais tarde substituída pela de Marcelo Caetano) e do Presidente Américo Tomás.

Enquanto os países europeus haviam já procedido à descolonização, nós vivíamos ainda num Portugal “multirracial e pluricontinental” citando Salazar. Quando passei para o secundário, frequentei o liceu Carolina Michaelis, liceu feminino (o ensino de então estava todo separado por género, não havia escolas mistas) onde as professoras eram exigentes e todas de idade avançada. A maquilhagem era proibida e tinha disciplinas femininas, tais como “educação cívica feminina”, onde uma rapariga aprendia como comportar-se em sociedade, no âmbito do decoro e das boas práticas femininas; havia “educação e moral”, e classe de “lavors”.

Era comum “encherem-nos” de trabalhos de casa, a realizar de um dia para o outro a todas as disciplinas, e era obrigatório o uso da bata escolar, sob pena de falta de material.

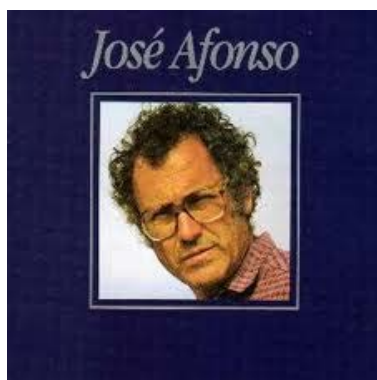
Numa noite, em 1974, 24 de Abril, deitei-me no tempo do fascismo e na alvorada de 25 de Abril, acordei com a Liberdade. Não entendia muito bem o que se estava a passar, mas fiquei contente por não haver aulas nesse dia.

De repente tudo mudava, a todo o momento. A TV passava novidades antes nunca vistas e mantinha-nos informados sobre os acontecimentos que se iam desenrolando. Foi o fim do Estado Novo, da apropriação da cultura portuguesa pelo regime fascista do Salazarismo, da censura, da PIDE e de muitos outros males que a repressão fascista cultivara. Foi o regresso dos exilados políticos e o fim da Guerra Colonial,

com o regresso dos militares portugueses. Foi também, nessa sequência, que regressaram à pressa (alguns no maior desespero, na fuga à morte) muitos portugueses, anteriormente radicados nas colónias portuguesas. As lutas de guerrilha ocupavam agora Angola, Moçambique, Guiné, enfim, nesses locais de paraíso (para



alguns) reinava agora o caos. O discurso político, dirigido ao povo, a construção de uma nova identidade social e novas identidades individuais, iam sendo desenvolvidos, num conceito de liberdades e direitos, novos valores, novas estruturas de pensamento.



ALGUMAS REFORMAS – Luta Pelos

Direitos

Em 1976 foi aprovada a nova Constituição da República e sérias alterações foram feitas ao Código Civil. Os jovens, como eu, estavam ávidos de liberdade. A igualdade de direitos de género, raça, de opção sexual, de criar a própria moda, etc. veio confirmar uma nova geração que ia à luta pelos seus direitos, a par com a luta sindicalista então formada, que reivindicava direitos e estatutos nunca antes vistos. Foi a reforma agrária, e o início da conquista pelos direitos, há tanto apregoados por Zeca Afonso, Sérgio Godinho e outros. A reforma académica teve também lugar: os conteúdos estavam a ser reestruturados. Com o aparecimento da pluralidade de partidos políticos e a liberdade de expressão, as paredes deste país, tudo estava pintado de opinião de norte a sul do país. Por isso, quem quisesse entrar para a faculdade, enquanto aguardava, teria que fazer um ano de “serviços cívicos”, ou seja, participar na limpeza e organização do país e em tudo o mais que fosse necessário.



My Teenage Years

Os meus anos mais marcantes, “*my teenage years*”, aí estavam, a ser vividos numa efervescência diária. Mudei de liceu para um liceu misto e passei a ter boas notas. A identidade social de cultura de massas da sociedade consumista tinha, entretanto, cá entrado, junto com todo o tipo de “produtos” comerciais que nos iam sendo disponibilizados.



Estávamos a fazer a alteração do *mare clausum* do Portugal fascista para a cultura de massas popular, geradora de novas necessidades, cujo veículo – os media, se foi aperfeiçoando, para tentar igualar a Europa. A Europa, era também novidade.

Nesses tempos ouvíamos *Rolling Stones*, *David Bowie*, *Bob Dylan*, *Led Zeppelin*, *Chico Buarque de Holanda*, *Caetano Veloso*, *Sex Pistols*, e muitos outros desse tempo, que nos marcaram imenso, com diversas influências musicais; a onda futurista, *gitter*, *punk* e *new wave* contribuía para a construção da nossa identidade individual, cultural, e coletiva, de jovens portugueses de então. Muitos de nós cantavam, tocavam, compunham letras, era a época do culto autodidata, da expressão e partilha da cultura baseada em factos comuns, ordinária. Íamos assistir a concertos, “curtir” a vida na sua plenitude, coisas que até então eram consideradas “perigosas” e por isso, na sua maioria, proibidas. Nestes tempos cultivou-se também a forte crítica à cultura popular, ao conceito de música “pimba”, ao que era “comercial”, e reconheço que deve ter sido a forte influência de críticos como Dwight MacDonald, que afirmavam que a sociedade de consumo era uma máquina insaciável de gerar necessidades e que as pessoas, enquanto grupo cultural, eram indefesas perante o seu efeito narcotizante. Pessoas quase sem opinião, abertas a tudo como os portugueses de então, eram alvos fáceis para os *media*, e para os oradores políticos re-criarem identidades coletivas.

Também a oferta de emprego se tornou escassa, com o aumento demográfico, que passou a contar com os milhares de retornados das ex-colónias, na sua maioria de regresso em situações de grande precariedade que estavam, evidentemente, em primeiro lugar como candidatas a emprego, a habitações (vi casas em construção serem ocupadas por pessoas que não tinham mais nada).



Como os movimentos dos anos 60 entraram tardiamente no nosso país, eu vestia-me, uns dias à “*rocker*” pois adorava *rock’n’roll*, mas outros dias usava as túnicas coloridas e as saias até aos pés, as *écharpes* indianas, numa busca de marcar a identidade, mais que não fosse pela diferença. Enfim, chegou-nos tudo junto e então misturávamos tudo.

Deixando conhecidos do mundo da música portuguesa no fim dos anos 70, o meu então já marido foi para Amsterdão, onde já tinha estado diversas vezes e conhecia tudo perfeitamente. Como músico, constituiu a sua banda e tinham um *manager* que lhes dava trabalho.



EMIGRANTES E IMIGRANTES

Um belo dia fui visitar o meu marido a Amsterdão. Na total ausência de voos low-cost, apanhei o Sud-Express, o comboio que ia direto do Porto a Paris. Era o comboio que os emigrantes sempre utilizavam. Quem fosse com *couchette*, não precisava de fazer transbordo em Irun/Hendaye.

Para isso, o comboio chegava à fronteira com França e as carruagens *couchette* entravam num túnel, onde havia um carril dentro de outro – para entrar em França, o comboio tinha que mudar de carril – o carril francês destinado a comboios de alta velocidade era muito mais estreito que o português e o espanhol. Então as carruagens eram elevadas ao alto por gruas potentes, com as pessoas e tudo lá dentro, e o rodado do comboio era substituído por outro, mais estreito, sobre o qual então desciam as carruagens. Para mim, era o símbolo da saída do atrasado bloco Ibérico e da entrada numa Europa mais evoluída.

Impossível descrever semelhante viagem: seis pessoas num compartimento, durante quase dois dias, a maioria com garrações de vinho, presuntos, etc. a contarem anedotas, a falar francês - que me diziam “aceite, olhe que eu levo a mal se não provar”. E eu provava, que remédio! O choque cultural era grande e passar dois dias num cubículo com estes emigrantes portugueses, ouvir as suas conversas, e dar-me conta do modo como viviam, em França, na sua maioria totalmente desintegrados da sociedade francesa, sem bases didáticas nem quaisquer outras, que lhes permitissem reconstruir a identidade de modo a poderem ser absorvidos na sociedade onde atualmente viviam; a atitude predominante era a típica dos emigrantes sem cultura, estereótipos da diáspora da década de 60 e de 70: censura e rejeição aos costumes franceses. Estavam e trabalhavam lá, mas era apenas para ganhar dinheiro e voltar ao torrão natal com meios para um fim de vida desafogado. Este foi o resultado da importação de mão-de-obra pelos países ricos na década de sessenta e setenta. Vi o mesmo fenómeno na Holanda, país muito mais pequeno e denso em população, muito liberal, com as suas cidades cosmopolitas, onde comunidades estrangeiras, mantinham os seus costumes, as suas mesquitas e sinagogas, o que fosse, e se vestiam tal como há 20 anos os seus pais o faziam, no seu país natal. Por vezes, parados no tempo, tinham “congelado” num essencialismo preservador das suas identidades culturais, desde o tempo do seu êxodo para outros países, enquanto que nos próprios países de origem a



evolução havia já criado novas identidades às quais se mantinham alheios. Tinham as suas lojas próprias, os seus cafés e centros culturais. Era possível encontrar de tudo e em qualquer rua se tomava contato com comidas, sabores e tradições, para mim antes nunca vistas. Contudo, países com grelhas culturais de origem semelhante (greco-latina), citando Lefèvre e Bassnet tinham “mais afinidade para se integrarem em sociedade, dadas as afinidades, semelhanças e correspondências culturais ainda presentes”.

Faço aqui uma distinção entre as pessoas que emigravam apenas para ganhar dinheiro e outras, como nós, que por questões culturais e a falta de meios, oportunidades de trabalho para os jovens e apoio à cultura em Portugal, procuraram outras opções,

noutros países.



Emigrantes portugueses anos 70



Carruagem do sud express anos 70



Rota Portugal Paris



Em Paris, jantava, atravessava a cidade até à *Gare du Nord* e ia de novo fazer mais uma viagem de comboio até Amesterdão, onde, normalmente chegava de madrugada.

ANOS 80 – A Minha Vida na Holanda

Para além do meu marido, tinha em Amsterdão alguns amigos e também um irmão. Ia lá de visita de vez em quando, pois no início dos anos 80 tinha que cuidar de 2 filhos pequenos. Cá em Portugal não havia possibilidade de trabalho, e um dia numa das minhas visitas a Amesterdão vi o meu casamento chegar ao fim.

Decidi, então, ficar lá por algum tempo. Não era fácil. O meu inglês era para mim uma enorme ajuda, mas não falava a língua (embora tivesse aprendido alemão no liceu, eram idiomas diferentes). Para além disso, ser português era sinónimo de estar ilegal; não havia as mesmas facilidades de arranjar autorização de residência que havia para um inglês ou francês. Mas o meu carácter determinado de então, desafiava todas as dificuldades, e encontrei casa própria e um emprego num hotel de 5 estrelas. Para os meus filhos, tinha uma *baby sitter*. Era uma vida cansativa, por vezes, mas com muitas emoções. Conheci pessoas fantásticas e foi uma fase muito enriquecedora da minha vida. Havia lugar para tudo e todos os credos eram respeitados.





GAYS – Liberdade de Escolha Sexual

Também conheci pessoas *gays*, algumas delas, fantásticas. Tomei contato com outros valores fora do estereótipo de ser *gay*. Aprendi a vê-las como pessoas; e eram pessoas simpáticas e sensíveis, independentemente do sexo a que pertenciam. E havia um profundo respeito pelo indivíduo. Não havia o preconceito nem o julgamento negativo repressor que havia em Portugal, talvez fruto dos valores religiosos do catolicismo, associados à visão de um povo recém-saído da subversão fascista.

Tentei fazer a minha tradução intercultural de modo a encontrar um sentido coerente, inteligível e articulado aos diferentes níveis da minha vida quotidiana, no processo de formação de uma nova identidade, a qual me permitiria a inserção e absorção na nova identidade social da qual era agora protagonista.



Semana gay em Amesterdão

“WILD SIDE” – *The Red Light District*

Dada a presença de ex-colonos do Suriname, da Indonésia, etc. árabes magrebistas, turcos,

italianos, entre outros, havia bairros e costumes próprios. Neles circulavam a heroína e a cocaína e havia muitos locais onde *the wild side of life* era uma mistura de droga, criminalidade e prostituição.



O “*Red Light District*”, no coração de Amsterdão era um desses locais, onde o dealer negro e o *junkie* passavam nas mesmas ruas, ao lado de numerosos turistas, curiosos pelas raparigas expostas nas imensas vitrinas, à luz vermelha. Ou pelas *sex shops*.

Mais tarde vi tudo aquilo como folclore, nem me chamava sequer a atenção, se por acaso lá tivesse que passar, tal como faziam muitos residentes locais. Não esquecer as *coffeeshops* onde era permitido o consumo do haxixe.





ACULTURAÇÃO – Absorção Cultural



Era o meu estúdio de “processamento” dos novos registos e de aculturação, também em curso; a expressão natural da cultura quotidiana estava em toda a parte e, tal como muitos, fomos artistas de rua em momentos de necessidade de dinheiro.

Do inglês fui passando para o holandês, que ia treinando. Nesse tempo, a maioria dos estrangeiros que viviam em Amsterdão, ou eram ingleses que, como de costume, não falavam senão o inglês, com os seus *pubs* próprios e centros culturais. Quanto aos demais, não se podia dizer que fosse fácil de aprender o holandês, essencialmente pela sua pronúncia. Foi dificuldade que, com o tempo ultrapassei e é hoje o meu segundo idioma, a seguir ao português.

As diferenças culturais, desde os hábitos alimentares (sandes para tudo, uma refeição quente por dia, ao jantar e às 18:00), até à imensa variedade de alimentos, provenientes de todo o mundo e ali, a um preço mais ou menos acessível. Em Portugal não havia variedade de nada e os produtos eram apenas sazonais. Também o clima, desagradável e frio, era cheio de surpresas e cheguei mesmo a pensar que o caráter de muitos holandeses era comparável ao tempo holandês: num momento muito alegres, noutra muito sérios e frios, e já noutra com uma ironia cultivada que me surpreendia e ultrapassava; comparável a: chuva forte de manhã, seguido de umas horas de sol, passando por uma tempestade em que a trovoada parecia estalar o chão e o vento cortante do norte me arrastava quase pelo ar. Bem, isto era novidade, o português de então tinha um sentido de ponderação, de cautela, talvez proveniente dos tempos da repressão, do receio de ficar exposto, associado a uma educação religiosa católica e altamente “castradora” dos tempos de então. Por isso não entendíamos esta expansão livre e variada. Mas no geral agradava-me uma coisa nos holandeses: falavam sem



“papas na língua” e não eram falsos. Não faziam o que não gostassem e se não gostassem de alguém demonstravam-no sem qualquer problema. Ou se não quisessem aceitar um convite simplesmente diziam que não tinham vontade disso e pronto. Não era para levar a mal – era mesmo assim. A mentalidade Calvinista está muito presente neste povo e são considerados, também por isso, ótimos homens de negócios.

As infraestruturas que havia já, permitiam às pessoas um maior grau de liberdade e independência que, de início, por vezes chocavam com os meus códigos culturais adquiridos: os idosos não ficavam eternamente em casa da família, mas iam para lares de terceira idade (uma realidade agora próxima mas muito rara no Portugal de então, ou reservada a uma elite e, na maioria, apenas como último recurso da família, e em caso de doença); esse fato parecia-me, então um verdadeiro ato de crueldade. Os jovens, aos dezasseis anos começavam a receber uma mesada do estado, com a qual tinham que aprender a governar-se, podendo, por opção (o que era mesmo muito frequente), ir viver fora de casa, em quarto alugado.

Acabava de casar em segundas núpcias, quando Portugal e Espanha entravam para a CEE em 1986. Foi uma festa para muitos portugueses, anteriormente na ilegalidade em diversos países. Por essa altura estava já casada, pela segunda vez, com um cidadão holandês. Confesso que o enlace oficial para ambos não seria necessário. Éramos felizes juntos e não teríamos casado se isso não servisse também de meio para regular a minha situação ilegal. Os maridos holandeses, regra geral, são muito compreensivos, extremamente concessivos e muito colaborativos na partilha de tarefas domésticas. A mulher holandesa em geral, é muito reivindicativa e livre. A igualdade de direitos é aqui um dado adquirido já desde os anos 80. Vivíamos então fora da confusão de Amsterdão, numa cidade do norte chamada Purmerend a 15 Km de Amsterdão. Grande parte da zona nova dessa cidade tinha em tempos sido um pólder, que havia sido drenado e seco e onde então estava a minha casa. Na autoestrada para Amsterdão havia um túnel que passava por baixo do porto de Amsterdão, por baixo duma enorme massa de água e navios. Para mim eram coisas então fantásticas, o modo como construíam casas em pólder (passava por uma técnica muito especial) e como, em suma, roubavam a terra ao mar.



O ENSINO NA HOLANDA – Novas Realidades

Os meus filhos atingiram a idade pré-escolar e, a conselho especializado, foram para uma escola “Montessori”, cujos princípios foram muito úteis para o seu ajuste na comunidade holandesa infantil; assim, eu participava em atividades com outros pais e, no princípio, todas as manhãs ficava uma horinha na classe do meu mais novo para, com a minha presença na aula, ajudar à sua integração. Confesso que, até para mim foi muito útil, para absorver conteúdos sociais que ali eram apresentados com aquela simplicidade.

Os tempos passaram e o processo de aculturação e absorção na sociedade holandesa estava concluído. Com os filhos em idade escolar, eu recebia um ordenado para ficar em casa a cuidar deles. Por isso, entre outras coisas, tinha os meus part-times, frequentava atividades, na sua maioria disponibilizadas em centros culturais do estado, gratuitas ou a preços muito módicos. E as crianças também. Havia de tudo para todas as idades e tudo era perfeitamente organizado e facilitado.

Paralelamente, havia a escola portuguesa que os meus filhos frequentavam uma vez por semana, na folga da escola holandesa à quarta de tarde.

Chegou o fim da primária para a minha filha e, como todas as crianças que concluíam a escola, havia lugar a um teste psicológico após o qual nos era indicada a escola mais conveniente para as crianças.

Foi aqui que tomei contato com uma realidade diferente, a par do progresso que qualificava o ensino holandês. As opiniões que nos estavam sendo dadas incluíam bases em dados estatísticos, provenientes de estudos onde eram calculadas procuras e necessidades daí a um certo tempo e, de modo a poder manter a boa organização, a opinião técnica que era dada aos pais, para além das afinidades da criança, tinha em conta esse fator de imenso peso na balança. Esse fator teve um peso tão grande para mim que fez com que os meus filhos viessem frequentar o ensino secundário em Portugal, perante a dificuldade de obter uma opinião isenta e sincera. Esse tipo de “estigma” estereotipou os meus filhos e os filhos desse ano escolar, oferecendo o que, a nível do ensino holandês, se considerava do mais baixo nível. Foi então que me apercebi paralelamente de um racismo camuflado e de um discurso de interesses socio-económicos que nos era transmitido a título de conselho escolar.

AMESTERDÃO/PORTO – Viagens de Automóvel

Esta breve descrição não poderia faltar, dada a diferença enorme entre a viagem de então e a dos dias de hoje, em que se pode optar por voos low-cost, melhores automóveis e autoestradas sensacionais, que ligam cidades e países e onde nada falta pelo caminho. Pois, anos 80, começaram a surgir em Portugal construções de autoestradas, como era o caso da A1. Fiz essa viagem pela velha EN nº 1 vezes sem conta. Nesse tempo nos países do Benelux não havia (nem hoje há) portagens.



Fronteira vilar formoso

Mas chegava-se a França e era um verdadeiro roubo o custo das portagens. Mas compensava, a viagem era rápida. Havia fronteiras da Bélgica para França, de França para Espanha e chegava-se a Burgos e era o fim da autoestrada. Depois, eram estradas nacionais para o troço mais cansativo da viagem; para além de ter que chegar a Vilar Formoso antes da meia-noite, hora do fecho da fronteira. Senão, teríamos que aguardar até às seis da manhã. Uma vez, tanto “voamos” para a transpor a tempo, que não paramos para abastecer. Chegados a Portugal e ficamos sem gasolina pelo caminho. Não havia uma única bomba até à Guarda. Este percurso era a rota internacional de então. Depois, via Coimbra lá se chegava ao Porto, num fim de viagem cansativo. Com a entrada de Portugal na CEE, houve uma explosão de autoestradas surgidas do nada, que nos surpreendiam a cada vez que visitávamos Portugal. Era o início da construção do Portugal europeu, aclamado pelos GNR no “Portugal na CEE”.



BIBLIOGRAFIA

Spínola, António – Portugal e o futuro

Cabral, Alcinda -Entre a Multiculturalidade e a Interculturalidade- UFP

Williams, Raymond - The Long revolution

Sarmento, Clara - Textos de Apoio de Estudos Interculturais

<http://books.google.pt/books?id=cpuIpkQ5pnYC&pg=PA375&dq=het+leven+in+amsterdam&hl=en&sa=X&ei=rEr3UMOBFM7hAepg4DABQ&sqi=2&ved=0CFMQ6AEwBw#v=onepage&q&f=false>

Colin White, Laurie Boucke, Gerald Fried – The Undutchables

ANEXOS

Grelha Comparativa		
	Portugal	Holanda
Regime Político	<ul style="list-style-type: none"> ➤ República – Assembleia da Republica (recém-saído do fascismo) ➤ Rotativismo entre sociais-democratas/socialistas 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Monarquia – Governo e Assembleia (2e Kammer) ➤ Rotativismo entre partido popular democrático e o partido trabalhista
Religião	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Católica + minorias emergentes 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ N-Holanda - Luteranos ➤ S-Holanda - Calvinistas
Recursos Sociais Básicos	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Reestruturação da Segurança Social ➤ Criação do Centro de Emprego ➤ Reforma do Ensino ➤ Criação de Novo Sistema de Saúde 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Segurança Social estruturada e com bons recursos ➤ Centro de emprego – boa proteção no desemprego ➤ Ensino planificado e orientado ➤ Sistema de saúde pública gratuito
Segurança/Legislação	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Criação de novos recursos ➤ Aprovação da nova Constituição da República e alterações ao Código Civil 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Bons recursos ➤ Legislação para tudo
Urbanização	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Antiga, não planificada ➤ Espaços verdes baldios ➤ Ausência de sinalização de trânsito ➤ Ausência de auto estradas 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Mistura paisagística (cidades antigas) ➤ Cidades criadas em terrenos drenados e secos ➤ Túneis subaquáticos ➤ Trânsito sinalizado e normalizado
Cultura	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Muita expressão cultural, política, e a todos os níveis. ➤ Avidéz de recriar identidade cultural ➤ Criação de alguns apoios ➤ Avalanche de filmes, concertos, e acontecimentos culturais novos 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Muita expressão cultural ➤ Muitos apoios à cultura ➤ Artistas de rua ➤ Muitos centros culturais



Língua Holandesa – Canção de Wim Sonneveld

TULPEN UIT AMSTERDAM

NL

PT

<p>Als de lente komt dan stuur ik jou Tulpen uit Amsterdam Als de lente komt pluk ik voor jou Tulpen uit Amsterdam Als ik wederkom dan breng ik jou Tulpen uit Amsterdam Duizend gele, duizend rode Wensen jou het allermooiste Wat mijn mond niet zeggen kan, Zeggen tulpen uit Amsterdam.</p>	<ul style="list-style-type: none">• Quando a primavera chegar vou-te enviar Tulipas de Amesterdão Quando a primavera chegar vou apanhar Tulipas de Amesterdão Quando eu voltar vou-te trazer Tulipas de Amesterdão Mil amarelas, mil vermelhas pra exprimir os meus desejos O que a minha boca não disser Dizem as tulipas de Amsterdão
---	--